



Organização das Nações Unidas
para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNESCO

Série DEBATES VII

MORTES *MATADAS*
POR ARMAS
DE FOGO
NO BRASIL

1979  2003

JULIO JACOBO WASELFI SZ

MORTES *MATADAS*
POR ARMAS
DE FOGO
NO BRASIL

1979  2003

Brasília, junho de 2005

ÍNDICE

Prefácio07
Mortes <i>matadas</i> por armas de fogo no Brasil 1979-200309
I. Introdução09
2. As mortes por armas de fogo em números11
3. Taxas de óbitos por armas de fogo20
4. Considerações finais28

PREFÁCIO

Em 2004, o Senado Federal aprovou, por expressiva maioria, uma consulta popular aparentemente muito simples: "O comércio de armas de fogo e munição deve ser proibido no Brasil?" Durante um período, defensores e opositores da proibição da venda de armas terão espaço em rede nacional de rádio e TV para defender seu ponto de vista, quando o tema deverá ser longamente debatido. Além de enfrentar pontualmente uma das maiores angústias brasileiras, a segurança, o Senado inovou ao submeter à sociedade o veredicto final sobre a proposta.

É visível, e a imprensa vem divulgando preocupantes índices de criminalidade, o contínuo incremento da violência em nosso País, principalmente a dos homicídios causados por armas de fogo, que têm assumido uma magnitude alarmante, pelo seu caráter devastador em nossa juventude. Nunca pretendemos, nessa proposta, vender falsas ilusões. Vedar a venda de armas a cidadãos comuns pretende reduzir os crimes sem causa, aqueles derivados de pequenas rusgas, desentendimentos eventuais e até brigas domésticas. Claro que a redução da violência depende ainda de ações governamentais, crescimento econômico e redução da pobreza.

As estatísticas sobre a quantidade de armas de fogo existentes no Brasil são imprecisas. Estima-se um número entre 10 e 20 milhões. O fato é que há armas em excesso. Essas armas são responsáveis por mais de 39 mil mortes ao ano, mais de 107 mortes dia após dia. No Brasil, há mais probabilidade de se morrer vítima de uma arma de fogo do que em países conflagrados por guerras.

Para contribuir com o debate que já está ocorrendo e, inevitavelmente, deverá se aprofundar com a proximidade do referendo popular, a UNESCO elaborou e está divulgando o presente trabalho, que sistematizou uma série de dados objetivos, nacionais e internacionais, para um melhor dimensionamento e entendimento do problema das armas de fogo no Brasil.

Por esses dados, verificamos que hoje, mais do que nunca, o País precisa do desarmamento. As experiências internacionais – inclusive em países de terceiro mundo – demonstraram que quando se reduz a circulação de armas, quando se tem um efetivo controle na venda do armamento, a consequência é a redução da violência e da criminalidade.

Renan Calbeiros
Presidente do Senado Federal

1. INTRODUÇÃO

*“E foi morrida essa morte,
irmãos das almas,
essa foi morte morrida
ou foi matada?
Até que não foi morrida,
irmão das almas,
esta foi morte matada,
numa emboscada.”*

João Cabral de Melo Neto

Morte e Vida Severina

Se o tema da violência em geral, e o da criminalidade em particular, tem merecido cada vez mais atenção nos últimos anos, com um crescente e significativo número de estudos sobre o tema, o mesmo não tem acontecido com o problema das armas de fogo no Brasil. São contados os trabalhos que tentam quantificar ou qualificar esse fenômeno que têm merecido destaque e ponderação em diversos foros nacionais e internacionais. Essa carência se deve a vários fatores, principalmente à falta de fontes mais ou menos fidedignas que permitam abordar o tema.

A única fonte que apresenta um grau de fidedignidade aceitável, que nos permite delinear comparações nacionais e internacionais por seu elevado grau de sistematização e que nos permite trabalhar com séries históricas longas é o Subsistema de Informação sobre Mortalidade – SIM – do Ministério da Saúde.

A partir do ano de 1979, o Ministério da Saúde passou a implementar o SIM, cujas bases de dados serviram de fonte básica para a elaboração do presente estudo.

Pela legislação vigente no Brasil (Lei nº 15, de 31/12/73, com as alterações introduzidas pela Lei nº 6.216, de 30/06/75), nenhum sepultamento pode ser feito sem a certidão de registro de óbito correspondente. Esse registro deve ser feito à vista de atestado médico ou, na falta de médico na localidade, por duas pessoas qualificadas que tenham presenciado ou constatado a morte.

A certidão, normalmente, fornece dados de idade, sexo, estado civil, profissão, naturalidade e local de residência. Determina igualmente a legislação, que o registro do óbito seja sempre feito "no lugar do falecimento", isto é, no local da ocorrência do evento.

Uma outra informação relevante para o nosso estudo, exigida pela legislação, é a causa da morte. Até 1995, tais causas eram classificadas pelo SIM seguindo os capítulos da nona revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-9), proposta e sistematizada em nível internacional pela Organização Mundial da Saúde – OMS. A partir daquela data, o Ministério da Saúde adotou a décima revisão (CID-10) da OMS.

Os aspectos de interesse para o presente estudo estão contidos no que o CID-10, em seu Capítulo XX, classifica como "causas externas de morbidade e mortalidade". Quando um óbito devido a causas externas (acidentes, envenenamento, queimadura, afogamento, etc.) é registrado, descreve-se tanto a natureza da lesão como as circunstâncias que a originaram. Assim, para a codificação dos óbitos, foi utilizada a causa básica, entendida como o tipo de fato, violência ou acidente causante da lesão que levou à morte. Dentre as causas de óbito estabelecidas pelo CID-10, interessam no presente estudo as mortes por armas de fogo. Trata-se de todos aqueles óbitos acidentais, por agressão intencional de terceiros (homicídios), autoprovocadas intencionalmente (suicídios) ou de intencionalidade desconhecida, cuja característica comum foi a morte causada por uma arma de fogo. Agrupa os casos de utilização de arma de fogo nas categorias W32 a W34 dos óbitos por traumatismos acidentais; X72 a X74 das Lesões Autoprovocadas Intencionalmente; X93 a X95 das Agressões; e Y22 a Y24 do capítulo de Intenção Indeterminada.

Para as comparações internacionais, foram utilizadas as bases de dados de mortalidade da Organização Mundial da Saúde¹ – OMS – em cuja metodologia foi baseado o nosso SIM, pelo que ambas as séries de dados são totalmente compatíveis, possibilitando as comparações internacionais. A partir dessas bases, foi possível completar os dados de mortalidade de 57 países do mundo que utilizam o CID-10. Mas, como os países demoram em atualizar essa base de dados, não foi possível nivelar todos os dados para o mesmo ano. Assim, foram utilizados os últimos dados disponibilizados pela OMS, que, segundo o país, variam de 2000 a 2003.

Não se pode negar que as informações do sistema de registro de óbitos ainda estão sujeitas a uma série de limitações e críticas, expostas pelo próprio SIM², e também por outros autores que trabalharam com o tema (MELLO JORGE³; RAMOS DE SOUZA et al.⁴).

A primeira grande limitação, assumida pelo próprio SIM, é o sub-registro, devido, por um lado, à ocorrência de inúmeros sepultamentos sem o competente registro, determinando uma redução do número de óbitos declarados. Por outro lado, também a incompleta cobertura do sistema, fundamentalmente nas regiões Norte e

1 WHOSIS, World Mortality Databases.

2 SIM/DATASUS/MS. *O Sistema de Informações sobre Mortalidade*. S/I, 1995.

3 MELLO JORGE, M. H. P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Brasília, 1998.

4 RAMOS de SOUZA, et al. Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania. *INFORMARE – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun. 1996.

Nordeste, faz com que a fidedignidade das informações diminua com a distância dos centros urbanos e com o tamanho e disponibilidade dos municípios. O próprio SIM⁵ estima que os dados apresentados em 1992 possam representar algo em torno de 80% dos óbitos acontecidos no país. Mas, pelas evidências existentes, esse sub-registro afeta bem mais as mortes por causas naturais do que as mortes violentas.

Não só a quantidade, mas também a qualidade dos dados têm sofrido reparos: mortes sem assistência médica, que impedem o apontamento correto das causas e/ou lesões; deficiências no preenchimento adequado da certidão, etc. Apesar dessas limitações, existe ampla coincidência em indicar, por um lado, a enorme importância desse sistema e, por outro, a necessidade de seu aprimoramento.

Para o cálculo das taxas de mortalidade, foram utilizadas as estimativas intercensitárias disponibilizadas pelo Datasus, baseadas em estimativas populacionais do IBGE. Contudo, estas estimativas intercensitárias oficiais não estão desprovidas de certa margem de erro.

2. AS MORTES POR ARMAS DE FOGO EM NÚMEROS

Os registros do SIM permitem verificar que, entre 1979 e 2003, acima de 550 mil pessoas morreram no Brasil resultado de disparos de algum tipo de arma de fogo, num ritmo crescente e constante ao longo do tempo. Nesses 24 anos, as vítimas de armas de fogo cresceram 461,8%, quando a população do país cresceu 51,8%⁶. Mas todo esse crescimento, que engloba situações diferentes, foi puxado pelos **homicídios com armas de fogo**, que cresceram 542,7% no período, enquanto os suicídios com armas de fogo cresceram 75% e as mortes por acidentes com armas caíram 16,1%.

Das 550 mil mortes por armas de fogo, 205.722, isto é, 44,1%, foram jovens na faixa de 15 a 24 anos. Esse dado adquire sua devida dimensão se consideramos que os jovens só representam 20% da população total do país. Isto indica que, proporcionalmente, morrem mais de o dobro de jovens vítimas de armas de fogo do que nas outras faixas etárias.

Entre os jovens, o crescimento do uso letal de armas de fogo foi ainda mais violento do que na população total. Se na população total o número de vítimas por armas de fogo cresceu 461,8%, entre os jovens, esse crescimento foi de 640,3%. Também aqui o carro-chefe da espiral mortal foram os homicídios com armas de fogo, com crescimento de 742,9%, enquanto o número de suicídios cresceu 61% e os acidentes envolvendo armas de fogo caíram 16,7%.

⁵ SIM/DATASUS/MS *op. cit.*

⁶ Segundo o Datasus/MS, a população do país passou de 116.867.945 habitantes, no ano de 1979, para 176.876.251, em 2003.

Tabela 2.1: Número de Óbitos por Armas de Fogo, Segundo Causa. População Total. Brasil, 1979/2003

ANO	ACIDENTES	HOMICÍDIOS	SUICÍDIOS	TOTAL
1979	351	5.851	790	6.993
1980	470	7.436	804	8.710
1981	547	7.880	893	9.320
1982	568	7.678	799	9.045
1983	789	8.941	1.100	10.830
1984	702	10.832	1.044	12.578
1985	799	11.603	1.085	13.488
1986	970	12.757	1.142	14.869
1987	882	13.970	1.240	16.092
1988	826	15.134	1.166	17.126
1989	828	18.449	1.163	20.440
1990	744	18.752	1.118	20.614
1991	1.370	18.934	1.246	21.550
1992	1.083	18.636	1.368	21.086
1993	557	20.758	1.427	22.742
1994	417	22.338	1.562	24.318
1995	586	24.471	1.706	26.763
1996	288	24.544	1.648	26.481
1997	264	25.860	1.628	27.753
1998	408	28.224	1.549	30.181
1999	954	28.891	1.353	31.198
2000	394	41.453	1.692	43.539
2001	355	35.249	1.486	37.090
2002	336	36.157	1.445	37.938
2003	295	37.606	1.383	39.284
Total	15.784	502.406	31.838	550.028
Δ 79/03	- 16,1%	542,7%	75,0%	461,8%

Fonte: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM

Tabela 2.2: Número de Óbitos por Armas de Fogo, Segundo Causa. População Jovem. Brasil. 1979/2003

ANO	ACIDENTES	HOMICÍDIOS	SUICÍDIOS	TOTAL
1979	102	1.887	219	2.208
1980	146	2.541	236	2.924
1981	163	2.574	305	3.042
1982	172	2.452	258	2.881
1983	237	2.874	338	3.449
1984	219	3.608	308	4.135
1985	260	4.115	302	4.676
1986	342	4.546	357	5.244
1987	280	4.887	344	5.510
1988	298	5.434	332	6.064
1989	279	7.073	320	7.672
1990	272	6.913	310	7.495
1991	547	6.721	384	7.653
1992	435	6.347	410	7.193
1993	170	7.582	419	8.171
1994	140	8.250	455	8.845
1995	186	9.030	478	9.694
1996	86	8.955	465	9.506
1997	77	9.922	443	10.442
1998	145	11.024	405	11.574
1999	350	11.535	379	12.264
2000	109	17.333	430	17.872
2001	113	14.562	400	15.075
2002	102	15.308	378	15.788
2003	85	15.908	352	16.345
Total	5.314	191.382	9.026	205.722
Δ 79/03	-16,7%	742,9%	61,0%	640,3%

Fonte: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM

Esse violento crescimento da mortalidade juvenil por armas de fogo fez aumentar, de forma constante e progressiva, a participação dos jovens na macabra contabilidade das mortes matadas pelas armas de fogo. As 2.208 mortes juvenis por armas de fogo em 1979 representavam 31,6% do total de vítimas de armas de fogo. Já em 2003, os 16.345 jovens que morreram por balas de armas de fogo representaram 41,6% do total de vítimas.

Tabela 2.3: Participação dos Jovens no Total de Óbitos por Armas de Fogo. Brasil, 1979/2003

ANO	TOTAL	JOVEM	%
1979	6.993	2.208	31,6
1980	8.710	2.924	33,6
1981	9.320	3.042	32,6
1982	9.045	2.881	31,9
1983	10.830	3.449	31,8
1984	12.578	4.135	32,9
1985	13.488	4.676	34,7
1986	14.869	5.244	35,3
1987	16.092	5.510	34,2
1988	17.126	6.064	35,4
1989	20.440	7.672	37,5
1990	20.614	7.495	36,4
1991	21.550	7.653	35,5
1992	21.086	7.193	34,1
1993	22.742	8.171	35,9
1994	24.318	8.845	36,4
1995	26.763	9.694	36,2
1996	26.481	9.506	35,9
1997	27.753	10.442	37,6
1998	30.181	11.574	38,3
1999	31.198	12.264	39,3
2000	43.539	17.872	41,0
2001	37.090	15.075	40,6
2002	37.938	15.788	41,6
2003	39.284	16.345	41,6

Fonte: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM

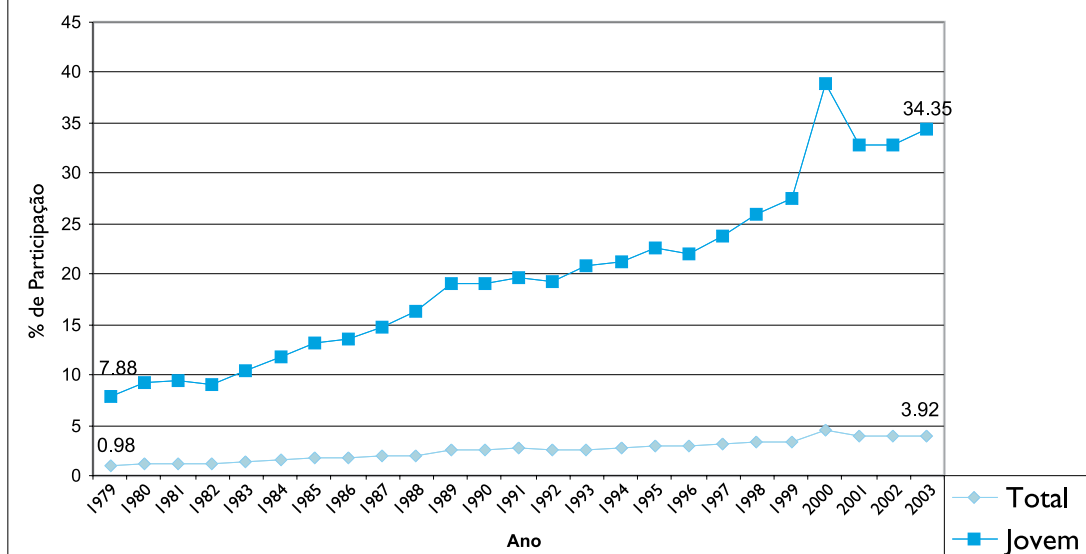
Com esses incrementos constantes ao longo do tempo, as mortes por armas de fogo também apresentam participação crescente na mortalidade total do país, como pode ser verificado na tabela a seguir. Em 1979, as mortes por armas de fogo representavam 1% do total de óbitos do país. Essa participação foi crescendo de forma constante até significar 3,9% do total de mortes no ano de 2003. Mas onde as armas de fogo realmente explodiram foi na mortalidade entre jovens. Passou de 7,9%, do total de mortes juvenis em 1979, para 34,4%, em 2003. Isso significa que um em cada três jovens que morrem no país é ferido por bala.

Tabela 2.4: Participação das Mortes por Armas de Fogo no Total de Óbitos. População Total e Jovem. Brasil, 1979/2003

ANO	POPULAÇÃO TOTAL			POPULAÇÃO JOVEM		
	Total de Óbitos	Por Armas de Fogo	%	Total de Óbitos	Por Armas de Fogo	%
1979	711.742	6.993	1,0	28.018	2.208	7,9
1980	750.727	8.710	1,2	31.986	2.924	9,1
1981	750.276	9.320	1,2	32.519	3.042	9,4
1982	741.614	9.045	1,2	32.155	2.881	9,0
1983	771.203	10.830	1,4	33.168	3.449	10,4
1984	809.825	12.578	1,6	35.081	4.135	11,8
1985	788.231	13.488	1,7	35.482	4.676	13,2
1986	811.556	14.869	1,8	38.504	5.244	13,6
1987	799.621	16.092	2,0	37.345	5.510	14,8
1988	834.338	17.126	2,1	37.343	6.064	16,2
1989	815.774	20.440	2,5	40.411	7.672	19,0
1990	817.284	20.614	2,5	39.199	7.495	19,1
1991	803.836	21.550	2,7	38.769	7.653	19,7
1992	827.652	21.086	2,5	37.509	7.193	19,2
1993	878.106	22.742	2,6	39.296	8.171	20,8
1994	887.594	24.318	2,7	41.566	8.845	21,3
1995	893.877	26.763	3,0	42.932	9.694	22,6
1996	908.883	26.481	2,9	43.356	9.506	21,9
1997	903.516	27.753	3,1	44.076	10.442	23,7
1998	929.023	30.181	3,2	44.664	11.574	25,9
1999	938.658	31.198	3,3	44.712	12.264	27,4
2000	946.392	43.539	4,6	45.875	17.872	39,0
2001	960.614	37.090	3,9	45.808	15.075	32,9
2002	981.900	37.938	3,9	48.096	15.788	32,8
2003	1.001.475	39.284	3,9	47.577	16.345	34,4

Fonte: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM

Gráfico 2.1 – Participação (%) das Armas de Fogo no Total de Óbitos. Brasil. 1979/2003



O ritmo de crescimento das mortes por armas de fogo no país é infernal, bem maior que as taxas de crescimento de sua economia no melhor período do milagre econômico. As mortes por armas de fogo na população total passaram de 1% em 100.000 habitantes, em 1979, para 3,9%, em 2003, isto é, cresceram 2,9 pontos. Já entre os jovens, essas taxas pularam de 7,9% para 34,4% em 100.000, o que representa um incremento de 26,5 pontos na escala!

As tabelas a seguir servem para verificar que, dentre as diversas causas, naturais ou violentas, que vitimam anualmente mais de um milhão de brasileiros, as mortes por armas de fogo vêm adquirindo crescente destaque. Mas, o que significa exatamente o fato de, em 2003, terem morrido, por armas de fogo, 39.284 brasileiros, dentre os quais 16.345 jovens? Uma comparação com as magnitudes de mortes por outras causas, muitas delas consideradas verdadeiros flagelos, podem dar uma idéia da exata dimensão do problema.

Para o conjunto da população brasileira, as principais causas de morte são as doenças do coração, as cerebrovasculares e, em incômodo 3º lugar, as provocadas por armas de fogo. Já entre os jovens, a situação é bem mais dramática. As armas de fogo são a principal causa de mortalidade entre os jovens, numa proporção bem maior que a segunda causa de mortalidade juvenil, representada pelas mortes por acidentes de transporte.

Flagelos amplamente conhecidos, divulgados e temidos, como o HIV, causaram no conjunto da população 11.276 mortes e 606 entre os jovens, no ano de 2003. Merecidas e justas campanhas, vultosos investimentos, mobilizações de organismos públicos e da sociedade civil, programas educativos, muitos deles com o concurso da própria UNESCO, foram e estão sendo deflagrados para controlar e/ou prevenir a doença. Mas para um flagelo três vezes e meio maior na população total e vinte e sete vezes maior entre os jovens ainda encontra defensores do comércio e da posse de armas letais.

Tabela 2.5: Causas de mortalidade. População Total, 2003

CAUSA	N	%	% ACUMULADO
Doenças do coração (cardiopatias, infartes)	142.101	14,19	14,19
Cerebrovasculares (hemorragias cerebrais, etc.)	88.923	8,88	23,07
Armas de fogo	39.284	3,92	26,99
Diabetes e seqüelas	37.451	3,74	30,73
Bronquite, Enfisemas	36.390	3,63	34,36
Pneumonias e gripes	34.501	3,45	37,81
Acidentes de transporte	33.599	3,35	41,16
Perinatal (parto/recém-nascido)	31.959	3,19	44,36
Tumor maligno nos brônquios e pulmões	16.397	1,64	45,99
Tumor maligno no estômago	11.730	1,17	47,16
Vírus Imunodeficiência Humana – HIV	11.276	1,13	48,29
Tumor maligno na mama	9.400	0,94	49,23
Insuficiência renal	9.111	0,91	50,14
Tumor maligno na próstata	8.967	0,90	51,03
Suicídios	7.839	0,78	51,82
Doenças infecciosas intestinais	5.971	0,60	52,41
Substâncias psicoativas (álcool, drogas)	5.563	0,56	52,97
Doença de Chagas	4.985	0,50	53,47
Tuberculose	4.980	0,50	53,96
Mal de Alzheimer	3.048	0,30	54,27
Hepatite viral	1.880	0,19	54,46
Total de Óbitos	1.001.475	100,00	100,00

Fonte: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM

Tabela 2.6: Causas de mortalidade. População Jovem, 2003

CAUSA	N	%	% ACUMULADO
Armas de fogo	16.345	34,35	34,35
Acidentes de transporte	7.492	15,75	50,10
Suicídios	1.667	3,50	53,61
Doenças do coração (cardiopatias, infartes)	879	1,85	55,45
Pneumonias e gripes	656	1,38	56,83
Vírus Imunodeficiência Humana – HIV	606	1,27	58,11
Cerebrovasculares (hemorragias cerebrais, etc.)	453	0,95	59,06
Tuberculose	193	0,41	59,46
Diabetes e seqüelas	187	0,39	59,86
Insuficiência renal	183	0,38	60,24
Bronquite, Enfisemas	117	0,25	60,49
Substâncias psicoativas (álcool, drogas)	90	0,19	60,68
Doenças infecciosas intestinais	60	0,13	60,80
Hepatite viral	52	0,11	60,91
Tumor maligno nos brônquios e pulmões	43	0,09	61,00
Tumor maligno no estômago	42	0,09	61,09
Doença de Chagas	32	0,07	61,16
Tumor maligno na mama	9	0,02	61,18
Perinatal (parto/recém-nascido)	7	0,01	61,19
Tumor maligno da próstata	2	0,00	61,20
Mal de Alzheimer	0	0,00	61,20
Total de Óbitos Juvenis	47.577	100,00	100,00

Fonte: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM

Fica difícil, para o cidadão comum, inclusive para a maior parte dos especialistas, entender a exata dimensão desses números ou desse crescimento vertiginoso que levou a 39.284 mortes por armas de fogo no ano de 2003. Na última década, morreram por armas de fogo nada mais nada menos que 325.551 pessoas, o que dá uma média anual de 32.555 mortes. Uma idéia do que esses números representam pode ser dada se compararmos os mesmos com o número de vítimas em diversos conflitos armados ao longo do mundo.

Tabela 2.7: Mortalidade em Conflitos Armados no Mundo.

PAÍS / CONFLITO	NATUREZA DO CONFLITO	PERÍODO	ANOS DE DURAÇÃO	N. DE MORTES	MORTOS / ANO	FONTE
Brasil	Mortes por armas de fogo	1993-2003	10	325.551	32.555	
Chechênia/ Rússia	Movimento emancipatório/étnico	1994-1996	2	50.000	25.000	1
Etiópia – Eritreia	Disputa territorial	1998-2000	2	50.000	25.000	1
Guatemala	Guerra civil	1970-1994	24	400.000	16.667	1
Argélia	Guerra civil	1992-1999	7	70.000	10.000	2
Guerra do Golfo	Disputa territorial	1990-1991	1	10.000	10.000	2
El Salvador	Guerra civil	1980-1992	12	80.000	6.667	2
Armênia – Azerbaijão	Disputa territorial	1988-1994	6	30.000	5.000	1
Nicarágua	Guerra civil	1972-1979	7	30.000	4.286	3
Timor Leste	Independência	1974-2000	26	100.000	3.846	1
Curdistão	Disputa territorial/ movimento emancipatório	1961-2000	39	120.000	3.076	1
Angola	Independência	1961-1974	13	39.000	3.000	2
Angola	Guerra civil/UNITA	1975-2002	27	550.000	20.370	3
Moçambique	Independência/ Guerra civil	1962-1975	13	35.000	2.692	2
Israel – Palestina	Disputa territorial/ religiosa	1947-2000	53	125.000	2.358	1
Sri Lanka	Guerra civil	1978-2000	22	50.000	2.273	1
Israel - Egito	Disputa territorial	1967-1970	3	6.400	2.133	3
Guerra das Malvinas	Disputa territorial	1982	1	2.000	2.000	2
Somália	Guerra civil	1982-2000	18	30.000	1.666	1
2ª Intifada	Disputa territorial	2000-2001	1	1.500	1.500	3
Camboja	Guerra civil/ Disputa territorial	1979-1997	18	25.000	1.388	1
Peru	Guerra civil/ Guerrilha	1981-2000	19	25.000	1.316	1
Colômbia	Guerra civil/ Guerrilha	1964-2000	36	45.000	1.250	1
Cachemira	Movimento emancipatório	1947-2000	53	65.000	1.226	1
1ª Intifada	Disputa territorial	1987-1992	5	1.759	352	3
Irlanda do Norte	Guerra Civil/ Movimento emancipatório	1968-1994	26	3.100	119	2

Fontes:

1 – Women's for International League for Peace and Freedom⁷2 – Armed Conflicts Events Data Nations Index⁸3 – Matthew White's Homepage⁹7 <http://comnet.org/local/orgs/wilpf/listofwars.html>, consultado em 18/04/2005.8 <http://www.onwar.com/aced/nation/>, consultado em 18/04/2005.9 <http://users.erols.com/mwhite28/warstat4.htm>.

3. TAXAS DE ÓBITOS POR ARMAS DE FOGO

Um panorama semelhante emerge quando relacionamos esses quantitativos de mortes por armas de fogo com as respectivas bases populacionais. Se os óbitos causados por armas de fogo cresceram, também cresceu, mas a um ritmo bem menor, a população do país. Assim, para a população total, a taxa passou de 6,0 óbitos por 100.000 habitantes em 1979 para 22,2 em 100.000 no ano de 2003, o que representa um aumento de 271% no período considerado. Liderando maciçamente esse crescimento, os homicídios com armas de fogo cresceram em um ritmo bem maior: 324,6%, enquanto os acidentes com armas de fogo diminuíaam 44,5%. Já nos suicídios por armas de fogo, o crescimento foi baixo: 15,6%.

Tabela 3.1: Taxas de Óbito por Armas de Fogo (em 100.000) População Total. Brasil, 1979/2003

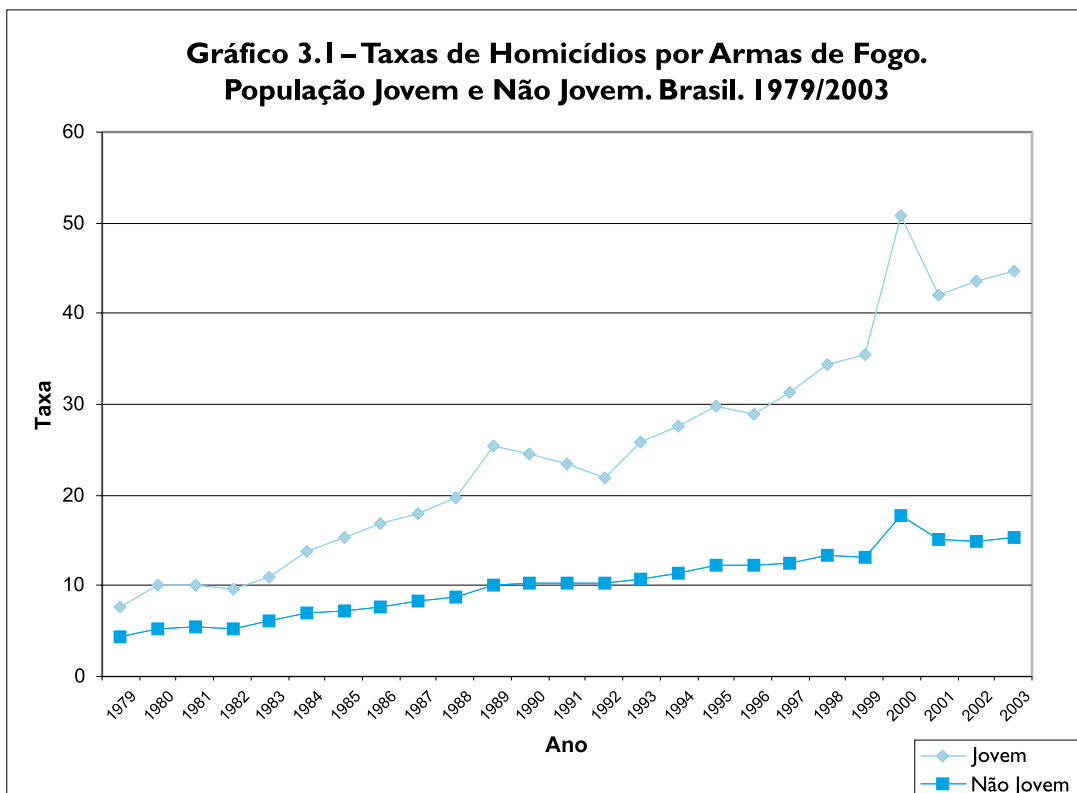
ANO	ACIDENTES	HOMICÍDIOS	SUICÍDIOS	TOTAL
1979	0,3	5,0	0,7	6,0
1980	0,4	6,2	0,7	7,3
1981	0,5	6,5	0,7	7,7
1982	0,5	6,2	0,6	7,3
1983	0,6	7,1	0,9	8,6
1984	0,5	8,4	0,8	9,7
1985	0,6	8,8	0,8	10,2
1986	0,7	9,5	0,9	11,1
1987	0,6	10,2	0,9	11,8
1988	0,6	10,9	0,8	12,3
1989	0,6	13,0	0,8	14,4
1990	0,5	13,0	0,8	14,3
1991	0,9	12,9	0,8	14,7
1992	0,7	12,5	0,9	14,2
1993	0,4	13,7	0,9	15,0
1994	0,3	14,5	1,0	15,8
1995	0,4	15,7	1,1	17,2
1996	0,2	15,6	1,0	16,9
1997	0,2	16,2	1,0	17,4
1998	0,3	17,4	1,0	18,7
1999	0,6	17,6	0,8	19,0
2000	0,2	24,4	1,0	25,6
2001	0,2	20,4	0,9	21,5
2002	0,2	20,7	0,8	21,7
2003	0,2	21,3	0,8	22,2
Δ 79/03	-44,5%	324,6%	15,6%	271,2%

Fonte: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM

**Tabela 3.2: Taxas de Óbito por Armas de Fogo (em 100.000)
População Jovem. Brasil, 1979/2003**

ANO	ACIDENTES	HOMICÍDIOS	SUICÍDIOS	TOTAL
1979	0,4	7,6	0,9	8,9
1980	0,6	10,1	0,9	11,7
1981	0,6	10,1	1,2	12,0
1982	0,7	9,5	1,0	11,2
1983	0,9	11,0	1,3	13,3
1984	0,8	13,7	1,2	15,7
1985	1,0	15,4	1,1	17,5
1986	1,3	16,8	1,3	19,4
1987	1,0	17,9	1,3	20,2
1988	1,1	19,7	1,2	21,9
1989	1,0	25,3	1,1	27,5
1990	1,0	24,5	1,1	26,5
1991	1,9	23,5	1,3	26,8
1992	1,5	21,8	1,4	24,7
1993	0,6	25,8	1,4	27,8
1994	0,5	27,6	1,5	29,6
1995	0,6	29,8	1,6	32,0
1996	0,3	28,8	1,5	30,6
1997	0,2	31,4	1,4	33,0
1998	0,5	34,4	1,3	36,1
1999	1,1	35,5	1,2	37,7
2000	0,3	50,9	1,3	52,4
2001	0,3	42,1	1,2	43,6
2002	0,3	43,6	1,1	45,0
2003	0,2	44,8	1,0	46,0
Δ 79/03	- 41,9%	488,5%	12,4%	416,8%

Fonte: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM



Também a significação dessas taxas fica pouco clara sem uma referência concreta, que permita ponderar seu significado. Para isso, foram procurados os dados do World Mortality Databases da OMS – WHOSIS – e obtidas informações referentes a mais de 56 países, para cotejar com as taxas do Brasil. Cabe esclarecer que esse número representa:

- a. Os países que atualizaram seus dados perante o Whosis como mínimo para o ano 2000.
- b. Países que adotaram a versão 10 – a mais atual – da Classificação Internacional de Doenças, única que permite a discriminação dos óbitos por armas de fogo.
- c. Para o Brasil, que ainda não tinha atualizado seus dados perante o Whosis, foram utilizados os dados fornecidos pelo SIM do Ministério da Saúde, responsável por enviá-los ao mencionado organismo internacional.

Esses dados comparativos se encontram condensados nas duas tabelas a seguir:

Tabela 3.3: Taxas de Óbitos (em 100.000) por Armas de Fogo. População Total. Diversos Países.

PAÍS	ANO	ACIDENTES	HOMICÍDIOS	INDETERM.	SUICÍDIOS	TOTAL
Venezuela	2000	0,42	22,15	10,57	1,16	34,30
Brasil	2002	0,18	19,54	1,22	0,78	21,72
Porto Rico	2001	0,49	17,36	0,10	1,17	19,12
Uruguai	2000	3,53	3,11	0,09	7,18	13,91
Equador	2000	0,25	10,73	1,63	0,77	13,39
Bahamas	2000	0,00	12,29	0,33	0,33	12,96
Argentina	2001	0,64	4,34	3,63	2,88	11,49
EUA	2001	0,28	3,98	0,08	5,92	10,27
Belize	2000	0,41	8,26	0,00	0,41	9,09
Paraguai	2000	0,27	7,11	0,26	0,62	8,26
Panamá	2002	0,07	7,25	0,00	0,69	8,00
México	2001	0,48	5,21	0,29	0,70	6,69
Santa Lúcia	2001	0,00	6,44	0,00	0,00	6,44
Barbados	2000	0,00	6,02	0,00	0,00	6,02
Finlândia	2003	0,06	0,35	0,04	4,45	4,89
Costa Rica	2002	0,07	3,18	0,32	1,30	4,87
Tailândia	2002	0,13	3,22	1,05	0,41	4,82
Nicarágua	2002	0,97	3,04	0,02	0,48	4,51
Eslovênia	2003	0,05	0,40	0,10	3,46	4,01
França	2001	0,06	0,28	0,43	3,19	3,95
Geórgia	2001	0,15	2,97	0,66	0,04	3,83
Estônia	2002	0,00	1,55	0,44	1,55	3,53
Croácia	2003	0,07	0,61	0,05	2,43	3,15
Áustria	2003	0,02	0,20	2,80	0,00	3,02
Chile	2002	0,41	1,49	0,00	1,10	2,99
Israel	2000	0,21	1,18	0,17	1,18	2,73
Canadá	2001	0,09	0,48	0,03	2,10	2,70
Letônia	2003	0,04	0,90	0,26	1,29	2,49
República Tcheca	2003	0,03	0,36	0,05	2,00	2,44
Eslováquia	2002	0,33	0,43	0,30	1,32	2,38
Noruega	2002	0,00	0,35	0,02	1,96	2,34
Portugal	2002	0,20	0,65	0,40	0,89	2,13
Dinamarca	2000	0,02	0,28	0,07	1,54	1,91
Lituânia	2003	0,17	0,58	0,26	0,90	1,91

► **Tabela 3.3: Taxas de Óbitos (em 100.000) por Armas de Fogo. População Total. Diversos Países. (Continuação)**

PAÍS	ANO	ACIDENTES	HOMICÍDIOS	INDETERM.	SUICÍDIOS	TOTAL
Suécia	2001	0,02	0,21	0,04	1,56	1,84
Peru	2000	0,94	0,62	0,13	0,11	1,80
Austrália	2001	0,09	0,24	0,01	1,34	1,68
Moldávia	2003	0,11	0,86	0,11	0,39	1,47
Nova Zelândia	2000	0,10	0,21	0,10	0,93	1,35
Alemanha	2001	0,02	0,10	0,16	1,05	1,34
Hungria	2003	0,03	0,15	0,02	0,91	1,11
Irlanda do Norte	2002	0,00	0,18	0,00	0,88	1,06
Cuba	2002	0,13	0,45	0,06	0,35	0,98
Quirguistão	2003	0,10	0,32	0,12	0,32	0,86
Espanha	2002	0,06	0,25	0,01	0,46	0,78
Holanda	2003	0,01	0,35	0,01	0,29	0,64
Polônia	2002	0,02	0,19	0,11	0,15	0,48
Kuwait	2002	0,00	0,34	0,04	0,04	0,42
Escócia	2002	0,02	0,06	0,04	0,20	0,32
Romênia	2002	0,08	0,11	0,00	0,12	0,31
Barein	2000	0,00	0,30	0,00	0,00	0,30
Reino Unido	2002	0,00	0,07	0,03	0,18	0,29
RU Inglaterra	2002	0,00	0,06	0,03	0,16	0,26
Egito	2000	0,12	0,02	0,06	0,03	0,23
Hong Kong	2002	0,00	0,04	0,00	0,07	0,12
Coréia	2002	0,01	0,05	0,01	0,04	0,10
Japão	2002	0,00	0,02	0,00	0,04	0,06

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE.

Por estas duas tabelas, podemos verificar que:

- Dos 57 países analisados, o Brasil ocupa a segunda posição, logo abaixo da Venezuela, na taxa de mortes por armas de fogo quando se trata da população total.
- Entre os jovens de 15 a 24 anos, o Brasil ocupa a terceira posição, logo depois da Venezuela e de Porto Rico.
- Nos dois casos, deve-se fundamentalmente à letalidade na utilização de armas de fogo em homicídios, já que, na população total, a taxa de acidentes com armas de fogo de 0,18 em 100.000 habitantes localiza o Brasil na 16ª posição, na 5ª posição em mortes por armas de fogo com intenção indeterminada e na 27ª posição quando se trata de suicídios com armas de fogo.
- Entre os jovens, acontece fenômeno semelhante: 3º quando se trata de homicídios, pula para o 15º nos acidentes com armas de fogo e para o 20º nos suicídios. Nas mortes por acidente com armas de fogo, o Brasil também ocupa a 3ª posição, revelando a gravidade do fenômeno no país.

Tabela 3.4: Taxas de Óbitos (em 100.000) por Armas de Fogo. População Jovem. Diversos Países

PAÍS	ANO	ACIDENTES	HOMICÍDIOS	INDETERM.	SUICÍDIOS	TOTAL
Venezuela	2000	1,05	51,31	25,73	1,74	79,83
Porto Rico	2001	1,94	48,21	0,16	2,10	52,42
Brasil	2002	0,29	36,89	2,77	0,97	40,92
Argentina	2001	1,32	8,83	7,38	3,15	20,68
Equador	2000	0,33	16,33	2,04	1,88	20,58
Bahamas	2000	0,00	18,74	0,00	0,00	18,74
EUA	2001	0,52	10,51	0,16	5,33	16,52
Panamá	2002	0,36	15,75	0,00	0,36	16,46
Uruguai	2000	3,98	5,02	0,00	5,88	14,87
Paraguai	2000	0,56	11,23	0,46	0,65	12,90
Belize	2000	1,95	7,80	0,00	0,00	9,75
México	2001	0,62	6,55	0,40	0,98	8,55
Nicarágua	2002	1,76	4,21	0,00	0,79	6,76
Santa Lúcia	2001	0,00	6,58	0,00	0,00	6,58
Finlândia	2003	0,15	0,46	0,15	5,38	6,15
Israel	2000	0,55	2,03	0,55	2,86	6,00
Costa Rica	2002	0,00	3,91	0,25	1,51	5,67
Chile	2002	0,73	3,06	0,00	1,72	5,51
Tailândia	2002	0,17	3,49	1,16	0,49	5,31
Eslovênia	2003	0,00	1,44	0,00	2,16	3,60
Barbados	2000	0,00	3,54	0,00	0,00	3,54
Croácia	2003	0,17	0,67	0,17	2,50	3,50
Estônia	2002	0,00	1,97	0,49	0,98	3,44
Canadá	2001	0,05	1,09	0,02	1,75	2,91
Geórgia	2001	0,14	1,58	0,86	0,00	2,59
Noruega	2002	0,00	0,74	0,00	1,65	2,39
Peru	2000	1,56	0,49	0,19	0,14	2,37
Eslováquia	2002	0,22	0,89	0,33	0,89	2,34
França	2001	0,01	0,40	0,45	1,38	2,25
Lituânia	2003	0,00	0,76	0,76	0,38	1,91
Austrália	2001	0,26	0,38	0,04	1,09	1,77
Dinamarca	2000	0,00	0,16	0,16	1,31	1,64
Portugal	2002	0,00	0,71	0,35	0,57	1,63
Cuba	2002	0,20	0,72	0,13	0,52	1,56



► **Tabela 3.4: Taxas de Óbitos (em 100.000) por Armas de Fogo. População Jovem. Diversos Países. (Continuação)**

PAÍS	ANO	ACIDENTES	HOMICÍDIOS	INDETERM.	SUICÍDIOS	TOTAL
Áustria	2003	0,00	0,30	1,02	0,00	1,32
Moldávia	2003	0,14	0,72	0,14	0,29	1,30
Suécia	2001	0,00	0,39	0,00	0,87	1,26
Quirguistão	2003	0,19	0,29	0,39	0,39	1,25
Nova Zelândia	2000	0,19	0,19	0,19	0,57	1,14
Kuwait	2002	0,00	1,13	0,00	0,00	1,13
República Tcheca	2003	0,00	0,07	0,14	0,92	1,13
Irlanda do Norte	2002	0,00	0,41	0,00	0,41	0,82
Espanha	2002	0,02	0,29	0,02	0,41	0,74
Hungria	2003	0,00	0,22	0,00	0,44	0,66
Alemanha	2001	0,00	0,10	0,05	0,44	0,59
Romênia	2002	0,24	0,18	0,03	0,15	0,59
Polônia	2002	0,02	0,16	0,09	0,12	0,39
Letônia	2003	0,00	0,28	0,00	0,00	0,28
Egito	2000	0,11	0,03	0,06	0,07	0,28
Holanda	2003	0,00	0,16	0,00	0,11	0,27
Hong Kong	2002	0,00	0,11	0,00	0,11	0,22
Reino Unido	2002	0,00	0,14	0,00	0,07	0,20
Inglaterra	2002	0,00	0,14	0,00	0,05	0,18
Escócia	2002	0,00	0,00	0,00	0,16	0,16
Coréia	2002	0,04	0,08	0,00	0,03	0,15
Japão	2002	0,00	0,00	0,01	0,01	0,01
Barein	2000	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE.

Apesar de parecer natural em nosso meio, são contados os países do mundo onde, como no Brasil, a mortalidade por armas de fogo supera as taxas de óbito em acidentes de transporte. Efetivamente, dos 57 países analisados, só em seis casos isso acontece, e cinco deles são países da América Latina: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela.

Também são minoritários os países em que as mortes por armas de fogo superam as taxas de suicídio. Do total analisado, são 15 os países que se encontram nessa situação, e a maior parte deles da América Latina.

Tabela 3.5: Causas de Mortalidade em Diversos Países do Mundo

PAÍS	ANO	POPULAÇÃO TOTAL				POPULAÇÃO JOVEM			
		HOMI-CÍDIO	SUI-CÍDIO	ACID. TRANSP.	ARMAS FOGO	HOMI-CÍDIO	SUI-CÍDIO	ACID. TRANSP.	ARMAS FOGO
Alemanha	2001	0,6	13,3	8,7	1,3	0,7	7,5	19,7	0,6
Argentina	2001	6,2	8,1	11,3	11,5	11,7	10,1	13,6	20,7
Austrália	2001	1,5	12,6	10,3	1,7	1,8	12,9	19,4	1,8
Áustria	2003	0,6	17,7	11,5	3,0	0,9	12,0	21,4	1,3
Bahamas	2000	20,3	3,7	24,9	13,0	23,9	1,7	20,4	18,7
Barbados	2000	10,2	3,8	13,5	6,0	4,4	0,9	11,5	3,5
Barein	2000	1,3	4,3	30,1	0,3	0,0	5,2	65,3	0,0
Belize	2000	21,9	7,4	29,3	9,1	21,4	9,7	15,6	9,7
Brasil	2002	28,4	4,4	19,0	21,7	54,7	4,7	21,5	40,9
Canadá	2001	1,3	11,8	9,8	2,7	2,3	11,9	17,5	2,9
Chile	2002	4,0	10,1	12,8	3,0	7,7	10,9	11,3	5,5
Costa Rica	2002	5,6	6,9	16,6	4,9	6,4	9,6	15,4	5,7
Croácia	2003	1,4	18,2	17,0	3,2	0,8	9,8	25,0	3,5
Cuba	2002	5,8	14,3	13,3	1,0	6,9	6,3	10,8	1,6
Dinamarca	2000	1,2	13,6	9,6	1,9	1,0	7,9	18,8	1,6
Equador	2000	15,7	4,2	16,7	13,4	23,8	8,2	15,0	20,6
EUA	2001	6,5	10,7	16,4	10,3	12,8	9,9	27,8	16,5
Egito	2000	0,1	0,1	8,0	0,2	0,2	0,1	7,7	0,3
Eslováquia	2002	2,2	13,3	14,5	2,4	1,6	6,8	19,1	2,3
Eslovênia	2003	1,4	28,1	14,5	4,0	1,4	15,8	22,0	3,6
Espanha	2002	0,9	7,8	14,3	0,8	0,8	4,1	20,9	0,7
Estônia	2002	11,7	27,3	18,2	3,5	5,9	18,7	22,6	3,4
Finlândia	2003	1,8	20,6	9,7	4,9	1,1	18,8	11,8	6,1
França	2001	0,7	16,5	12,9	4,0	0,8	7,0	25,4	2,2
Geórgia	2001	3,9	2,2	7,8	3,8	3,3	1,1	4,5	2,6
Holanda	2003	1,2	9,2	6,7	0,6	1,1	5,1	12,3	0,3
Hong Kong	2002	0,9	15,3	3,0	0,1	0,7	11,0	3,0	0,2
Hungria	2003	1,9	27,6	16,0	1,1	1,2	9,0	13,8	0,7
Israel	2000	2,0	5,2	8,3	2,7	3,5	6,2	12,8	6,0
Japão	2002	0,5	23,7	9,3	0,1	0,3	10,6	10,6	0,0
Kuwait	2002	1,1	2,0	15,7	0,4	1,7	2,0	27,5	1,1
Quirguistão	2003	4,2	9,5	15,4	0,9	2,9	9,6	12,5	1,3
Letônia	2003	10,6	26,0	23,7	2,5	4,5	15,0	33,3	0,3
Lituânia	2003	9,5	42,1	24,7	1,9	7,3	25,4	31,5	1,9

► Tabela 3.5: Causas de Mortalidade em Diversos Países do Mundo. (Continuação)

PAÍS	ANO	POPULAÇÃO TOTAL				POPULAÇÃO JOVEM			
		HOMI- CÍDIO	SUL- CÍDIO	ACID. TRANSP.	ARMAS FOGO	HOMI- CÍDIO	SUL- CÍDIO	ACID. TRANSP.	ARMAS FOGO
Moldávia	2003	9,3	17,2	15,3	1,5	4,6	5,9	14,4	1,3
Nicarágua	2002	6,5	6,9	9,0	4,5	10,8	13,8	8,7	6,8
Noruega	2002	0,9	10,6	8,5	2,3	1,7	11,6	14,7	2,4
Nova Zelândia	2000	1,3	11,9	14,9	1,3	1,9	18,2	22,9	1,1
Panamá	2002	11,8	5,2	14,6	8,0	20,0	5,9	16,5	16,5
Paraguai	2000	11,0	2,7	7,5	8,3	16,9	4,5	8,6	12,9
Peru	2000	1,3	0,8	7,7	1,8	1,3	1,7	6,0	2,4
Polônia	2002	1,7	15,4	17,0	0,5	1,1	11,3	19,8	0,4
Portugal	2002	1,4	11,0	21,4	2,1	1,6	3,6	28,4	1,6
Porto Rico	2001	19,4	7,5	14,3	19,1	50,6	6,8	21,8	52,4
Reino Unido	2002	0,6	6,7	5,8	0,3	1,0	5,2	11,2	0,2
Coréia	2002	1,7	17,9	19,1	0,1	1,1	8,4	13,4	0,1
República Tcheca	2003	1,1	16,5	14,3	2,4	0,6	9,3	20,8	1,1
Romênia	2002	2,6	14,0	16,0	0,3	1,6	6,9	11,9	0,6
Escócia	2002	2,3	12,4	6,5	0,3	3,3	12,8	10,8	0,2
Inglaterra	2002	0,4	6,1	5,6	0,3	0,7	4,3	11,0	0,2
Irlanda do Norte	2002	1,2	9,5	8,7	1,1	2,1	9,5	16,5	0,8
Santa Lúcia	2001	14,8	4,5	14,8	6,4	26,3	6,6	13,2	6,6
Suécia	2001	0,9	13,4	7,2	1,8	1,3	7,5	12,5	1,3
Tailândia	2002	4,4	7,2	21,5	4,8	4,9	8,3	36,6	5,3
Uruguai	2000	4,9	16,6	10,9	13,9	6,4	12,8	10,6	14,9
Venezuela	2000	25,8	5,2	21,4	34,3	56,3	6,8	24,9	79,8

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, muito se tem discutido e argumentado, a favor ou contra, do desarmamento da população. Mas em toda essa discussão, o que é incontestável é a nua e crua frialdade dos números. Entre 1979, ano em que se inicia a divulgação dos dados do Subsistema de Informações de Mortalidade, até 2003, último ano disponível, morreram no Brasil acima de 550 mil pessoas vítimas de armas de fogo. Se essa cifra já representa uma quantidade assustadora, é ainda mais apavorante saber que 206 mil deles eram jovens, cujo extermínio com armas de fogo chega a representar:

- 41,6% do total de mortes por armas de fogo no ano de 2003; e
- 34,4% do total das mortes de jovens entre 15 e 24 anos de idade nesse mesmo ano.

Colocado de uma outra forma: em cada três jovens que morrem no Brasil, um foi vitimado por arma de fogo! Assim, as armas de fogo se constituem, de longe, na principal causa de morte dos jovens brasileiros, bem longe do segundo fator, os acidentes de transporte, que representa 15,8% da mortalidade juvenil.

A gravidade do quadro das mortes juvenis não deve levar a pensar que a situação é muito diferente para o conjunto da população. Sendo responsável por 3,9% do total de mortes do país no ano de 2003, as armas de fogo representam a 3ª causa de morte, logo depois das doenças do coração e das cerebrovasculares. Vemos que, em ambos os casos, sejam jovens ou não, as armas de fogo se constituem numa das maiores, senão a maior, fontes de agravos à vida da população brasileira.

A Aids, ainda em 2003, matou 11.276 pessoas de todas as idades. Número preocupante. Só que as armas de fogo mataram 3,5 vezes mais: um total de 39.284 pessoas. Entre os jovens, a Aids foi responsável por 606 óbitos. Já as armas de fogo mataram 16.345 jovens, isto é: 27 vezes mais! Inclusive na faixa etária de maior incidência do flagelo – a que vai dos 30 aos 39 anos – a Aids matou 4.295 pessoas, quando as armas de fogo vitimaram 8.052 pessoas nessa faixa, quase o dobro (87,5%) que a Aids.

Existe uma enorme preocupação e grande mobilização, que julgamos totalmente necessárias e justificadas, de combate a esse flagelo. A própria UNESCO, no plano internacional e também no nacional, é parte integrante de uma diversidade de programas de combate à Aids. Mas para um outro flagelo, causador de 16.345 mortes de jovens no mesmo ano, isto é, um mal 27 vezes maior do que a Aids, são ainda escassas e bastante tímidas nossas reações e políticas de enfrentamento. Ainda estamos discutindo se é justo e de direito permitir que as armas de fogo continuem a exterminar anualmente grande contingente de pessoas cujo único delito foi o de morar num país extremamente complacente com a circulação de armas de fogo.

Como foi acima colocado, no ano de 2003, morreram no Brasil 39.284 cidadãos vitimados por bala. Isso corresponde a 108 mortes por arma de fogo a cada dia do ano. Muito mais vítimas cotidianas do que é noticiado em nossa imprensa sobre as maiores chacinas do país ou sobre os maiores e mais cruentos atentados nos atuais enfrentamentos existentes na Palestina ou no Iraque.

O Brasil, sem conflitos religiosos ou étnicos, de cor ou de raça, sem disputas territoriais ou de fronteiras, sem guerra civil ou enfrentamentos políticos levados ao plano da luta armada, consegue exterminar mais cidadãos pelo uso de armas de fogo do que muitos dos conflitos armados contemporâneos, como a guerra da Chechênia, a do Golfo, as várias Intifadas, as guerrilhas colombianas ou a guerra de libertação de Angola e Moçambique.

No contexto internacional, analisando os dados correspondentes a 57 países, para os quais contamos com informações sobre o tema, o Brasil, com uma taxa de 21,7 óbitos por armas de fogo em 100.000 habitantes, ocupa o segundo lugar, logo depois da Venezuela. Com esse índice o Brasil encontra-se bem distante, inclusive, de outros países onde impera uma ampla circulação de armas de fogo, como os EUA, que ostenta uma taxa de 10,3 mortes em 100.000 habitantes: menos da metade do Brasil. E bem mais distante ainda de países com conflitos armados, como Israel que, apesar do conflito com os palestinos, apresenta uma taxa de óbitos por armas de fogo oito vezes inferior à brasileira. Nossa taxa fica muito longe das de países como Cuba ou Irlanda (que beirando uma vítima de armas de fogo em cada 100.000 habitantes, resulta 21 vezes menor que a taxa brasileira). E muito, mas muito mais longe ainda das de Hong Kong, Coréia ou Japão, que com uma taxa de aproximadamente 0,1 mortes por armas de fogo em 100.000 habitantes, ostentam uma taxa 217 vezes menor que a brasileira!

Em seu mandato primordial de zelar pelo desenvolvimento da paz e da segurança no mundo desde 1948, ano em que teve lugar a primeira missão da ONU na guerra entre árabes e israelenses, foram mais de 50 operações de paz no mundo todo. Desde o alto dessa experiência, uma das primeiras recomendações das missões de paz da ONU é a de "desarmar as facções em conflito"¹⁰.

10 Centro de Información de las Naciones Unidas. Em http://www.cinu.org.mx/temas/paz_seguridad/pk.htm#principios. Consultado em 30/05/2005.

Mas desarmar a população é o bastante? Sabemos que não. Desarmar é requisito indispensável, fundamental, primordial para limitar e cercear as condições e oportunidades de manifestação da violência letal. Mas não é suficiente. Além dessa, existem outras ações e políticas que devem ser propostas e implementadas. Como estabelece a própria Constituição da UNESCO, assinada em novembro de 1945 pelos países-membros: "se as guerras nascem na mente dos homens é na mente dos homens que devem ser construídos os baluartes da paz". Não é só a farta disponibilidade de armas de fogo o que levou os níveis de violência letal do Brasil a limites insuspeitados e insuportáveis. É também a decisão de utilizar essas armas para resolver todo tipo de conflitos interpessoais, na maior parte dos casos, banais e circunstanciais. É nesse campo que deve ser gerada uma nova proposta de ação política, criando oportunidades e alternativas para a juventude, setor da sociedade mais afetado pela mortalidade por armas de fogo. Criando as bases para a construção de uma nova cultura de paz e de tolerância entre os homens, com profundo respeito às diferenças e ao direito efetivo de todos os indivíduos de ter acesso aos benefícios sociais mínimos para uma vida digna: saúde, trabalho e educação. Se conseguirmos implementar conjunta e articuladamente ambas as fases desse desarmamento – a física e a cultural –, não duvidamos que o futuro próximo será bem melhor.



**Organização das Nações Unidas para
Educação, a Ciência e a Cultura**
Representação no Brasil

SAS, Quadra 5, Bloco H, Lote 6
Ed. CNPq/IBICT/UNESCO – 9º andar
70070-914 – Brasília/DF – Brasil
Tel.: (55 61) 2106 3500
Fax: (55 61) 322 4261
E-mail: grupoeditorial@unesco.org.br